

# As vogais pretônicas do português antigo a partir da variação gráfica no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende

(Pretonic vowels of Medieval Portuguese through the spelling variation in the *Cancioneiro Geral* by Garcia de Resende)

**Juliana Simões Fonte**

<sup>1</sup>Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista (Unesp)  
jujufonte@yahoo.com.br

**Abstract:** This paper aims to investigate the raising of pretonic mid vowels in Medieval Portuguese (second period). The research corpus comprises the *Cancioneiro Geral* (1516), by Garcia de Resende, which includes poems from the fifteenth century and early sixteenth century. The methodology adopted in this research consisted in mapping and analysis of the spelling used in Resende's compilation to represent the mid and high pretonic vowels. On interpreting the data from this study, we started from the hypothesis that the lack of spelling standardization, in Medieval Portuguese, afforded a greater freedom to the speakers of the time to represent, in spelling, speech particularities. In addition to providing important clues about the phonetic realization of pretonic vowels in Medieval Portuguese, this article compares data from the past with current pronunciations (Brazilian and European).

**Keywords:** pretonic vowels; history of Portuguese; *Cancioneiro Geral*.

**Resumo:** A proposta deste artigo é investigar a atuação do processo de alçamento entre as vogais pretônicas do português antigo. Constitui o corpus desta pesquisa o *Cancioneiro Geral* (1516), de Garcia de Resende, que reúne poemas escritos no século XV e início do século XVI. A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se no mapeamento e análise da grafia empregada na coletânea de Resende para representar as vogais pretônicas médias e altas de antanho. Ao interpretar os dados desta pesquisa, partimos da hipótese de que a falta de normatização ortográfica, no período considerado, proporcionava aos falantes da época uma maior liberdade para reproduzir, na escrita, particularidades da fala. O presente artigo, além de fornecer pistas importantes sobre a realização fonética das vogais pretônicas do português antigo, estabelece uma comparação entre os dados do passado e as pronúncias atuais.

**Palavras-chave:** vogais pretônicas; história do português; *Cancioneiro Geral*.

## Introdução

O objetivo deste estudo é investigar a ocorrência de variação fonética, envolvendo alçamento vocálico, entre as vogais pretônicas do português antigo (segunda fase do período tradicionalmente conhecido como arcaico),<sup>1</sup> por meio da análise da grafia empregada no *Cancioneiro Geral* (1516), de Garcia de Resende, que reúne poemas escritos ao longo do século XV e início do século XVI, por cerca de 286 poetas.

---

<sup>1</sup> Na periodização proposta por estudiosos como Leite de Vasconcellos (1959) e Silva Neto (1956), o português arcaico corresponde ao período da língua compreendido entre meados do século XII e o início do século XVI. Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 15), por sua vez, considera extenso demais esse período atribuído ao português arcaico e, baseada na produção literária medieval, propõe que se faça a seguinte subdivisão: i. *fase trovadoresca*, até 1350, cuja língua seria o galego-português; e ii. *fase da prosa histórica verdadeiramente nacional*, de 1350 a meados do século XVI, em que o português e o galego teriam tomado rumos diferentes, tornando-se línguas distintas. Este artigo, conforme acima mencionado, dedica-se à segunda fase do período arcaico.

No quadro atual da língua, a pronúncia da vogal pretônica constitui uma das principais diferenças entre as variedades brasileira e portuguesa. Sobre o português brasileiro (PB) atual, estudos variacionistas, desenvolvidos em diversas regiões do país, revelam que é comum a vogal média pretônica realizar-se como alta, em determinados contextos fonético-fonológicos adjacentes. Os dados desses estudos sugerem, em geral, que o alçamento da vogal média pretônica, no Brasil, está associado a processos fonéticos de natureza assimilatória, tais como a harmonia vocálica, por exemplo.

No que se refere ao português europeu (PE), Mateus e Andrade (2000) mostram que a elevação da vogal média pretônica é uma regra geral, que se aplica a todos os contextos (com algumas poucas exceções). Para Teyssier (1994[1980]) e Marquilhas (2003), esse quadro atual português representa a generalização de uma regra que, inicialmente, era restrita a contextos fonético-fonológicos específicos, tal como ocorre no Brasil. Os autores consideram, pois, que o caso brasileiro mantém uma fonologia que era a de Portugal no tempo das navegações.

Diante dessa hipótese, nosso objetivo, no presente trabalho, é investigar o alçamento da vogal média pretônica no português antigo, a fim de comparar a aplicação desse processo nos diferentes períodos (e variedades) da língua, buscando dados que nos permitam confirmar (ou não) a proposta dos autores referidos.

Como a criação de uma ortografia padrão é relativamente recente, na história da língua portuguesa, são bastante frequentes os casos de variação gráfica nos antigos documentos escritos em português. A metodologia empregada neste estudo baseia-se, portanto, no mapeamento de todas as variações gráficas entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, pretônicas, presentes no *Cancioneiro Geral* (edição de Dias, 1990). Além dos casos de variação, também foram contemplados, neste estudo, todos os dados que apresentaram, para as vogais pretônicas médias e altas, uma grafia invariável diferente da atual.

É importante ressaltar que, ao buscar, no *corpus* considerado, informações sobre os sons da época, não partimos da pressuposição ingênua de que dados de escrita são mera transcrição da fala. Por outro lado, acreditamos que a falta de normatização ortográfica oferecia condições favoráveis para que elementos da fala fossem reproduzidos na escrita.

Levando-se em consideração o fato de que a Fonologia de Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995), consegue representar satisfatoriamente, de um modo geral, o alçamento de vogal pretônica decorrente do espraiamento de traços entre segmentos adjacentes, adotamos esse modelo fonológico não-linear para interpretar os dados desta pesquisa.

## **O alçamento vocálico no português atual**

O processo fonológico conhecido como alçamento vocálico é o responsável pela elevação da vogal média em pronúncias como p[i]rigo e b[u]neca, para *perigo* e *boneca*, por exemplo. Neste item do trabalho, vamos discorrer sobre a atuação desse processo entre as vogais pretônicas do português atual (brasileiro e europeu), tomando como base os pressupostos teóricos da Fonologia de Geometria de Traços.

Particularmente em relação ao PB atual, estudos variacionistas (cf. VIEGAS, 1987, 2003; SILVA, 1989; BORTONI, 1992; OLIVEIRA, 1992; FREITAS, 2001; COLLISCHONN; SCHWINDT, 2004; CELIA, 2004; SILVEIRA, 2008; LEE, 2009; CARMO, 2009, 2013)

mostram que a ocorrência de uma vogal alta, na sílaba tônica, costuma condicionar o alçamento da vogal pretônica (ex.: *menino, perigo, descobrir, engolir*) em todas as variedades da língua – principalmente nos casos envolvendo vogal média anterior, em que o alçamento é mais frequente do que nos casos com vogal média posterior (em *notícia, tolice* e *volume*, por exemplo, o alçamento não se aplica em todas as variedades do PB atual). Contudo, o contexto de vogal alta na sílaba adjacente, que caracteriza o processo de harmonia vocálica, não é o único envolvido nos casos de elevação de vogal média pretônica, no Brasil. Para as vogais anteriores, o alçamento também costuma ser categórico, entre os falantes brasileiros, quando envolve a vogal pretônica em início absoluto de palavra (em sílaba travada por /S/ ou /N/), na sílaba inicial *des-* (prefixo ou não) e em hiatos (ex.: *emprego, enfeite, escola, esconder, desgraça, desfazer, passear*). Já o processo de redução vocálica, caracterizado pela influência de uma consoante adjacente, no alçamento da vogal média pretônica, tende a variar de acordo com os fatores extralinguísticos envolvidos (região geográfica, escolaridade, classe social, etc.). Sendo assim, em alguns casos, mesmo que as consoantes adjacentes à vogal pretônica apresentem traços favoráveis ao alçamento, a elevação da vogal média pode não ocorrer, na maior parte das variedades brasileiras (ex.: *pegar, morar*).

Sobre o PE atual, Mateus e Andrade (2000) mostram que o alçamento da vogal média pretônica é categórico, em todos os contextos fonético-fonológicos (ex.: *m[u]rar* “morar”, *p[ĩ]gar* “pegar”), com pouquíssimas exceções (ex.: *hospital, credor*, etc.). Estudos revelam, no entanto, que a elevação da vogal média pretônica nem sempre foi uma regra geral, na fala dos portugueses. Para Marquilhas (2003), no português quinhentista, ocorriam [e] e [o], na posição pretônica, que podiam variar com [i] e [u], em casos envolvendo uma vogal alta na sílaba tônica (processo de harmonia vocálica). A autora considera, portanto, que, no português antigo, o alçamento da vogal média pretônica era condicionado pelo contexto fonético-fonológico adjacente, tal como ocorre no Brasil. Somente a partir do século XVIII (TEYSSIER, 1994[1980]), teria ocorrido a generalização da regra, que passou a abranger todos os contextos. Partindo dessa pressuposição, pode-se dizer que, no âmbito das vogais pretônicas, os falantes brasileiros estão trilhando um caminho já percorrido pelos falantes portugueses. Mais do que isso, essa conjectura autoriza-nos a afirmar que a pronúncia quinhentista, para as vogais pretônicas, assemelha-se mais à pronúncia brasileira atual do que à portuguesa.

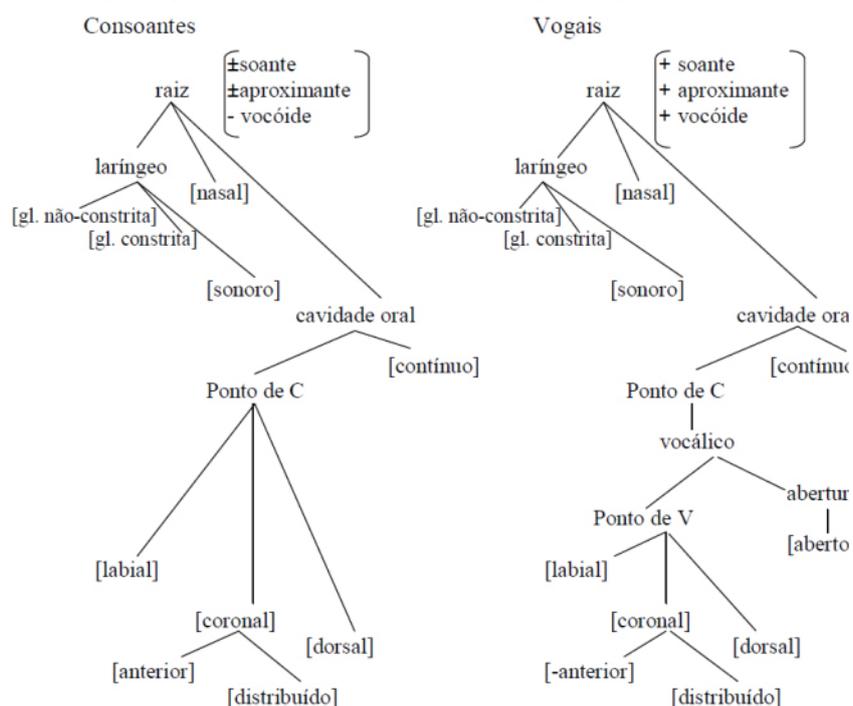
Por outro lado, cabe ressaltar que o processo de harmonia vocálica não é o único responsável pelo alçamento da vogal pretônica, no Brasil. Conforme acima mencionado, em alguns casos, a elevação da vogal média, na posição pretônica, pode ser associada ao processo de redução vocálica, nas variedades brasileiras. Resta-nos saber, entretanto, se os casos de alçamento de vogal pretônica, no Brasil, caracterizam-se, essencialmente, por uma regra de assimilação, ou se já estamos caminhando para uma generalização do processo, cujo condicionamento seria unicamente prosódico (sílabas pretônicas).

Para aprofundar essa discussão, vamos lançar mão do arcabouço teórico fornecido pela Fonologia de Geometria de Traços, capaz de representar, de um modo satisfatório, o processo de alçamento vocálico, quando decorrente do espraçamento de traços entre segmentos contíguos.

A Fonologia de Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985, 1991; CLEMENTS; HUME, 1995) enquadra-se na teoria Auto-segmental (GOLDSMITH, 1976), um dos modelos da

fonologia não-linear.<sup>2</sup> Para Cagliari (1997, p. 17), a Fonologia de Geometria de Traços foi além da ideia de auto-segmentação e organizou os traços em uma hierarquia de dependências. Nessa estrutura hierárquica, os traços ficam dispostos em planos, formados pelas fileiras superior e inferior contíguas, que se assemelham aos modelos da geometria (cf. CAGLIARI, 1997, p. 17). Na Fonologia de Geometria de Traços, uma fileira liga-se a outra por meio de linhas de associação, conforme indica a estrutura a seguir:

**Diagrama 1: Organização hierárquica de consoantes e vogais, segundo a Geometria de Traços**



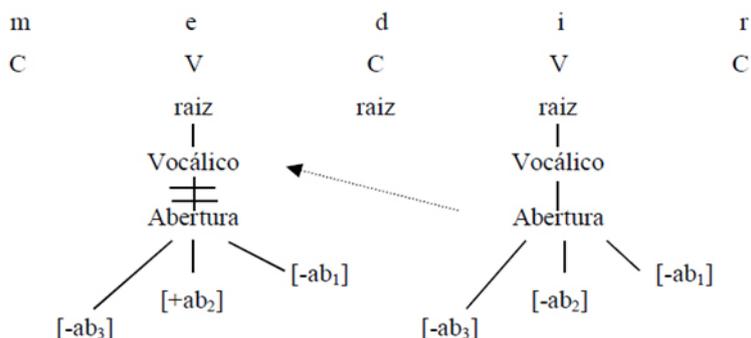
Fonte: MATZENAUER (2005, p. 50)

As linhas de associação, segundo Cagliari (1997, p. 17), também servem para indicar a aplicação de processos fonológicos, como a assimilação, por exemplo, caracterizada pelo espriamento de traço(s) de um segmento a outro.

Nessa perspectiva, o processo de harmonia vocálica pode ser entendido como um espriamento dos traços que compõem o nó *abertura* de uma vogal para a outra. Assim, o processo de harmonia vocálica responsável pelo alçamento da vogal pretônica em uma realização como m[i]dir, para o verbo *medir*, poderia ser representado da seguinte forma, segundo o modelo de Geometria de Traços:

<sup>2</sup> De acordo com Cagliari (1997, p. 16), o modelo auto-segmental “organiza os traços dos fonemas em *fileiras* ou *níveis* (ou *tiers*) em vez de colocá-los numa matriz única como fazia a Fonologia Gerativa”. A partir dessa auto-segmentação dos traços distintivos, torna-se possível que uma determinada regra atue apenas em uma fileira específica, de modo independente, sem atingir as demais.

**Diagrama 2: Representação do processo de harmonia vocálica, segundo a Geometria de Traços**



A estrutura acima representa o espraio do nó *abertura* da vogal alta, composto pelos traços [-aberto 1], [-aberto 2] e [-aberto 3] (cf. WETZELS, 1992), para a vogal média da sílaba precedente, cujos traços originais, [-aberto 1], [+aberto 2] e [-aberto 3], foram cortados e eliminados da estrutura.

Cabe observar que a presença de uma consoante entre as duas vogais não impede o espraio dos traços, uma vez que consoantes (simples), segundo Matzenauer (2005, p. 57), por não apresentarem o nó *vocálico*, não bloqueiam o espraio.

Consideremos, agora, os casos de alçamento de vogal pretônica condicionados pela influência de uma consoante adjacente (ex.: *b[u]neca*, *alm[u]çar*; *c[u]berto*, *s[i]nhor*; etc.). Sabendo que, em termos fonéticos, [u] é mais labial e mais dorsal do que [o], da mesma forma que [i] é mais coronal do que [e], poderíamos justificar o alçamento da vogal média pretônica, em pronúncias como *b[u]neca*, *c[u]berto* e *s[i]nhor*, por exemplo, pela influência das consoantes adjacentes (destacadas), que apresentam, respectivamente, os traços [labial], [dorsal] e [coronal].

Por outro lado, também ocorre, no Brasil, elevação de vogal média anterior diante de consoante velar (ex.: *p[i]queno*), que apresenta o traço [dorsal]. Além disso, são comuns, em determinadas variedades do PB atual, casos de alçamento de vogal média posterior, na sílaba pretônica, envolvendo uma consoante palatal adjacente (ex.: *ch[u]calho*), que apresenta o traço [coronal]. Nesses exemplos, o alçamento da vogal média não poderia ser associado aos traços que compõem os pontos de articulação dos segmentos, já que vogais médias anteriores não apresentam o traço [dorsal], e vogais médias posteriores não apresentam o traço [coronal]. Esses casos de alçamento poderiam ser explicados, no entanto, se considerássemos o fato de que consoantes velares e palatais apresentam um alto ponto de articulação. Contudo, essa explicação não seria possível segundo o modelo de Geometria de Traços, já que, no diagrama proposto por Clements e Hume (1995), as consoantes não apresentam traços referentes à altura.

Importa referir, a propósito, que essa ausência de um nó de abertura, na representação das consoantes, proposta pela Fonologia de Geometria de Traços, também impede que esse modelo represente satisfatoriamente os casos envolvendo a influência da consoante adjacente mesmo quando vogais e consoantes partilham do mesmo ponto de articulação (ex.: vogais posteriores e consoantes labiais ou dorsais), porque, somente a partir do espraio dos traços que compõem o Ponto de C ([coronal], [dorsal] ou [labial]), não é possível justificar a mudança de abertura da vogal adjacente.

Os fatos até aqui observados autorizam-nos, pois, a conceber a harmonia vocálica como um processo distinto da redução vocálica. O primeiro caracteriza-se essencialmente por uma regra de assimilação, ao passo que o segundo pode ser classificado como uma autêntica regra de neutralização, que busca reduzir o sistema fonológico de vogais da língua, sem restringir-se, necessariamente, ao contexto fonético-fonológico envolvido (cf. BISOL, 2009).

Com base nessas evidências, diremos que, em Portugal, o processo de redução vocálica pode ser entendido como uma regra de neutralização, e não de assimilação. No caso do Brasil, é notável a variação na pronúncia da vogal pretônica. Em algumas variedades brasileiras, o alçamento da vogal média, na posição pretônica, está mais próximo de uma regra de assimilação do que de uma neutralização. Em outras variedades, no entanto, esse processo aproxima-se mais de uma regra de neutralização, embora não abarque todos os contextos, como em Portugal. Vale lembrar que, em alguns casos, mesmo que o segmento adjacente apresente traços favoráveis ao alçamento, a elevação da vogal pretônica pode não ocorrer, em determinadas variedades brasileiras, porque, no Brasil, o alçamento de vogal média pretônica é uma regra variável. Portanto, essa generalização que se verifica, em Portugal, para a elevação da vogal média pretônica, por ora só pode ser observada entre as vogais postônicas finais, nas variedades brasileiras.

Com o intuito de obter informações sobre a pronúncia das vogais pretônicas, no português antigo, analisamos, na subseção a seguir, as grafias adotadas no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende.

### **As vogais pretônicas no *Cancioneiro Geral***

Neste item do trabalho, estão apresentados e discutidos os resultados desta pesquisa, provenientes do mapeamento e análise das grafias empregadas na coletânea de Resende para representar as vogais pretônicas da época.

O primeiro passo desta pesquisa foi fazer um levantamento de todos os termos, no *Cancioneiro Geral*, grafados com vogal pretônica (média ou alta) diferente da atual – em variação ou não. Em seguida, organizamos os dados segundo o contexto fonético-fonológico da vogal pretônica, a saber:

- vogal alta (/i/ ou /u/) na sílaba tônica (processo de harmonia vocálica);
- vogal alta (/i/ ou /u/) na sílaba átona, imediatamente seguinte à vogal pretônica-alvo;
- consoante coronal, labial ou dorsal, precedente ou seguinte à vogal pretônica-alvo (processo de redução vocálica).

Concluída essa divisão dos dados, fez-se necessária, em alguns casos, uma subdivisão dos termos variantes, baseada na ortografia oficial do português de hoje: de um lado, ficaram os termos que são grafados com vogal média pretônica e, de outro, os termos que apresentam uma vogal pretônica alta, nos padrões atuais da escrita. Para os termos grafados com vogal pretônica alta, na atual ortografia do português, investigamos a origem dessa vogal alta, no latim clássico,<sup>3</sup> com o intuito de verificar se a pronúncia atual é etimológica ou resultado de mudança ao longo da história da língua.

<sup>3</sup> As informações sobre a etimologia dos termos, neste estudo, são baseadas em Corominas (1961), Cunha (2010) e Saraiva (2006).

Os quadros a seguir trazem alguns exemplos de verbos e não-verbos grafados, no *Cancioneiro Geral*, com vogal alta pretônica, em substituição à vogal média etimológica (os dados estão distribuídos de acordo com o contexto fonético-fonológico envolvido):

**Quadro 1: Verbos grafados com vogal alta pretônica, no *Cancioneiro Geral*, em substituição à vogal média etimológica**

Contexto	Vogal anterior	Vogal Posterior
Vogal alta na sílaba tônica	<i>pedir</i> ~ <i>pidir</i> <i>seguir</i> ~ <i>siguir</i> <i>sentir</i> ~ <i>sintir</i>	<i>chuvia</i> <i>encobrir</i> ~ <i>encubrir</i> <i>pussuir</i>
Vogal alta na sílaba átona adjacente	<i>anticiparam</i>	
Consoante coronal	<i>boçijar</i> <i>divera</i> <i>ensandecer</i> ~ <i>ensandicer</i>	
Consoante dorsal		<i>açustumar</i> <i>jugar</i>
Consoante labial		<i>prucurar</i>

**Quadro 2: Não-verbos grafados com vogal alta pretônica, no *Cancioneiro Geral*, em substituição à vogal média etimológica**

Contexto		Vogal anterior	Vogal posterior
Vogal alta na sílaba tônica	/i/	<i>bixigas</i> <i>menina</i> ~ <i>mininas</i> <i>mentira</i> ~ <i>mintiras</i> <i>metido</i> ~ <i>mitido</i> <i>pedido</i> ~ <i>pidido</i> <i>pipino</i>	<i>assu<u>v</u>ios</i> <i>cori<u>s</u>co</i> ~ <i>curi<u>s</u>cos</i> <i>du<u>r</u>ido</i> <i>foci<u>n</u>ho</i> ~ <i>fuci<u>n</u>hos</i> <i>liju<u>n</u>jaria</i> “ <i>lisonjaria</i> ” <i>puli<u>ç</u>ia</i>
	/u/	<i>mes<u>u</u>ra</i> ~ <i>mis<u>u</u>ra</i> <i>progenit<u>u</u>ra</i> ~ <i>proginit<u>u</u>ra</i> <i>vestid<u>u</u>ras</i> ~ <i>vistid<u>u</u>ra</i>	<i>cobert<u>u</u>ra</i> ~ <i>cubert<u>u</u>ra</i> <i>compust<u>u</u>ra</i> <i>costum<u>e</u>s</i> ~ <i>custum<u>e</u>s</i> <i>doç<u>u</u>ras</i> ~ <i>duç<u>u</u>ra</i> <i>fort<u>u</u>na</i> ~ <i>furt<u>u</u>na</i>
Vogal alta na sílaba átona adjacente		<i>ci<u>r</u>imonia</i> <i>competi<u>d</u>or</i> ~ <i>compiti<u>d</u>or</i> <i>dili<u>c</u>ada</i> <i>diri<u>v</u>ados</i> <i>livianas</i> <i>menti<u>r</u>osos</i> ~ <i>minti<u>r</u>oso</i> <i>persigui<u>d</u>ores</i> <i>sentim<u>e</u>nto</i> ~ <i>sinti<u>m</u>ento</i>	<i>cogu<u>m</u>elo</i> ~ <i>cugum<u>e</u>lo</i> <i>portugues<u>e</u>s</i> ~ <i>purtugues</i>
Consoante coronal		<i>car<u>c</u>ireiro</i> <i>li<u>ç</u>ão</i> <i>mar<u>ç</u>hal</i> <i>mel<u>h</u>or</i> ~ <i>mil<u>h</u>or</i> <i>ni<u>n</u>hũ</i> <i>pir<u>n</u>alta</i> <i>pi<u>n</u>eira</i> <i>rende<u>r</u>eiro</i> ~ <i>rin<u>d</u>eiros</i> <i>se<u>q</u>uer</i> ~ <i>si<u>q</u>uer</i>	
Consoante dorsal			<i>co<u>s</u>tumado</i> ~ <i>ac<u>s</u>tumado</i> <i>cu<u>b</u>erto</i> <i>coi<u>t</u>ado</i> ~ <i>cu<u>i</u>tado</i> <i>cu<u>s</u>tureiro</i> <i>ju<u>g</u>ador</i> <i>regu<u>r</u>osos</i>
Consoante labial			<i>fogu<u>e</u>ira</i> ~ <i>fu<u>g</u>ueira</i> <i>mu<u>e</u>la</i> <i>p<u>m</u>ar</i>

Conforme se pode observar, o alçamento da vogal média pretônica, em todos esses casos, é perfeitamente justificável a partir da influência dos segmentos adjacentes.

O contexto de vogal alta na sílaba (tônica ou átona) contígua mostrou-se relevante entre os dados desta pesquisa. Contudo, o processo de harmonia vocálica, ao contrário do que afirmara Marquilhas (2003), não é o único envolvido nos casos de alçamento de vogal pretônica, registrados na grafia do *Cancioneiro Geral*. Os quadros acima apresentados trazem exemplos de elevação de vogal média pretônica, nos séculos XV e XVI, associados ao processo de redução vocálica.

É interessante observar, acerca desses dados, que muitos dos termos grafados (em variação ou não), no *Cancioneiro Geral*, com vogal alta pretônica, em substituição à vogal

média etimológica, também são pronunciados com vogal média alçada, na maior parte das variedades brasileiras (ex.: *pedir, seguir, sentir, metido, menino, mentira, mentiroso, pedido, pepino, bexiga, ensinar, desfavor, sequer, chovia, corisco, focinho, polícia, assovio, costume, fortuna, encobrir, cobertura, coberto, acostumar, acostumado, costureiro, procurar, fogueira*, etc.).

Por outro lado, alguns dos casos de alçamento documentados na grafia do *Cancioneiro Geral* são mais comuns no PE do que no PB atual (ex.: *progenitura, antecipar, bocejar, competidor, cerimônia, delicado, derivado, leviano, perseguidor, rendeiro, ensandecer, dever, carcereiro, marechal, pinalta, peneira, possuir, dorido, lisonjaria, cogumelo, pomar, rigoroso, jogar, jogador*). Tais dados, portanto, vão de encontro à afirmação de estudiosos como Teyssier (1994), por exemplo, de que não há evidências, antes do século XVIII, de elevação de vogal média pretônica semelhante à que ocorre em Portugal, atualmente. Em outras palavras, os dados do CG sugerem que, na segunda fase do PA, a regra de neutralização, que se verifica entre as vogais pretônicas (médias e altas) do PE atual, já começava a se manifestar.

Consideremos, agora, os termos grafados (em variação ou não), no *Cancioneiro Geral*, com vogal média pretônica, em lugar da vogal alta que apresentam no português atual. Os exemplos apontados nos quadros a seguir também estão organizados segundo o contexto fonético-fonológico envolvido:

**Quadro 3: Verbos grafados com vogal média pretônica, no *Cancioneiro Geral*, em substituição à vogal alta atual**

Contexto	Vogal anterior	Vogal posterior
Vogal alta na sílaba tônica	<i>demenuir</i> <i>fingir ~ fengir</i> <i>redemir</i> <i>resistir ~ resestir</i>	<i>cumprir ~ comprir</i> <i>destruir ~ destroir</i> <i>fugir ~ fogir</i> <i>sobir</i>
Vogal alta na sílaba átona adjacente	<i>devinhar</i> <i>edeficar</i> <i>noteficar</i> <i>visitar ~ vesitar</i>	<i>duvidar ~ dovidar</i>
Consoante coronal	<i>dizer ~ dezer</i>	
Consoante dorsal	<i>vingar ~ vengar</i>	
Consoante labial		<i>mormurar</i> <i>porificar</i>



grafia com vogal alta, nos casos em que a variação foi registrada, reflete, ao que tudo indica, a atuação do processo de alçamento vocálico, no português de então. Ao longo da história da língua, a variação entre vogal média etimológica e vogal alta fonética, nesses casos específicos, resultou em mudança, na qual a variante fonética foi adotada pela fonologia e pela ortografia oficial do português, em detrimento da variante etimológica. O esquema a seguir representa alguns exemplos dessa mudança envolvendo o processo de alçamento vocálico, no decorrer da história:

- (01) *ŕigura* > *fegura* > *figura*  
*mĩnũere* > *menguar* > *minguar*  
*vĩdũã* > *veuva* > *viuva*  
*fũgẽre* > *fogir* > *fugir*  
*locãlis* > *logar* > *lugar*  
*mũliẽris* > *molher* > *mulher*

Em outros dados, no entanto, a vogal pretônica destacada é proveniente de uma vogal alta longa (ī ou ū) do latim clássico (ex.: *adivinhar*, *divino*, *dividir*, *visitar*, *opinião*, *dignidade*, *original*, *limitar*, etc.). Nesses vocábulos, portanto, a grafia com vogal média, no *Cancioneiro Geral*, não é etimológica; ao contrário, pode estar refletindo casos de hipercorreção, no português da época. Em outras palavras, acreditamos que a grafia com vogal média, nesses dados, pode ter sido adotada por influência de determinados vocábulos de então, grafados com vogal média, mas pronunciados com vogal alta (alçada). Nesse caso, poderíamos arriscar a dizer que quem grafou *openião*, por exemplo, considerou, possivelmente, que a vogal média /e/ (e não /i/) representasse a vogal etimológica (como em *fegura*), e que uma grafia com <i> refletiria apenas uma variação da fala (também como em *figura*) e que, por isso, não seria a mais “adequada” para ser adotada. Além disso, não descartamos a hipótese de o emprego da vogal média, nesses vocábulos, não ser somente um recurso da escrita, mas também ocorrer na fala da época, em variação com a vogal alta. Teríamos, assim, nos séculos estudados, variações fonéticas envolvendo tanto o alçamento quanto o abaixamento da vogal pretônica.

Sabemos que, no português atual, embora haja um sistema ortográfico prescrito por lei, também é possível encontrar, eventualmente, reflexos da fala na escrita. De acordo com Cagliari (1998), algumas dessas grafias não-convencionais do português atual podem ser entendidas como *erros por transcrição fonética* e *erros por hipercorreção*. A reflexão sobre os dados desta pesquisa seguiu, de certo modo, essa classificação. É evidente que não faz sentido chamar de *escritas não-convencionais*, e muito menos de *erros*, as grafias analisadas ao longo desta subseção, já que não havia, na época, como vimos acima, um padrão ortográfico estabelecido. Contudo, afirmamos que algumas das grafias do português antigo estavam refletindo, ao que tudo indica, pronúncias com vogal pretônica alçada (*transcrição fonética*) do português antigo, e outras estavam indicando casos em que os falantes, sabendo que os termos com vogal média etimológica eram frequentemente pronunciados com vogal alta, na sílaba pretônica, atribuíam a grafia com vogal média a vocábulos que apresentavam, na verdade, uma vogal alta etimológica (*hipercorreção*).

Reis (2011), ao analisar a grafia empregada por alunos da quinta série (sexto ano) do Ensino Fundamental para representar as vogais pretônicas médias e altas do português

atual (variedade de São José do Rio Preto – SP), documentou diversos casos de escrita não-convencional associada à transcrição fonética ou à hipercorreção. Particularmente em relação ao segundo caso, a autora mostra dados como *enfanceia, riqueza, cedades, avestou, fecaram*, na série das vogais anteriores, e *logar, fogir, molher, popila, conhado*, na série das vogais posteriores. Esses dados do português atual corroboram a hipótese levantada por este estudo de que algumas das grafias do passado podem ser interpretadas como hipercorreção dos falantes da época e, mais do que isso, constituem um exemplo claro de que certos comportamentos linguísticos tendem a ser mantidos no decorrer da história. É importante ressaltar que, neste trabalho, não descartamos a hipótese de a hipercorreção, nos dados dos séculos XV e XVI, não ser apenas uma particularidade da escrita, mas estar refletindo pronúncias de então. Nesse caso, também há dados do PB atual que podem fundamentar essa proposta, como as pronúncias *mer[e]tíssimo* e *lim[o]sine*, para *meritíssimo* e *limusine*, por exemplo.

Pode-se dizer, enfim, que os dados desta pesquisa constituem um testemunho importante da língua falada em Portugal, no tempo das navegações. As grafias empregadas no *Cancioneiro Geral* sugeriram, para os séculos XV e XVI, frequentes casos de variação entre vogais médias e altas, na posição pretônica. Em alguns desses casos, a variação resultou em mudança, na diacronia do português. Em outros casos, no entanto, a variação sobreviveu à passagem dos séculos e permanece no português atual (brasileiro ou europeu).

## Considerações finais

Diante do que foi exposto ao longo deste artigo, pode-se dizer que o presente estudo, além de indicar o comportamento das vogais pretônicas no português antigo, também traz reflexões importantes sobre variação e mudança, mostrando que certos distanciamentos, em relação à origem, são naturais, no decorrer da história, e, ao contrário do que possa insinuar uma interpretação superficial, não descaracterizam (nem empobrecem) a língua.

Sobre os termos oficialmente grafados com vogal média pretônica, na atual ortografia do português, mas pronunciados com vogal alçada, no Brasil ou em Portugal, este trabalho mostra que a pronúncia com vogal alta, na sílaba pretônica, já era comum no século XV (pelo menos).

Além disso, os dados do *Cancioneiro Geral* mostraram diversos casos de alçamento, nos séculos XV e XVI, que ocorrem atualmente em Portugal, mas que não são muito frequentes no Brasil. Esses dados, embora não sejam suficientes para atestar a generalização da regra de alçamento vocálico nos séculos referidos, sugerem que a neutralização entre vogais médias e altas, na posição pretônica, já começava a se manifestar, em Portugal, antes do século XVIII, que é o período apontado por Teyssier (1994[1980]) como o primeiro a registrar as evidências da generalização da regra.

Particularmente em relação aos vocábulos grafados com <i> ou <u> pretônicos, no português atual, o presente estudo revela que, em muitos casos, essa vogal alta não é etimológica; ao contrário, é o resultado de uma mudança, na história da língua, originada em variações fonéticas do português antigo, conforme indicaram as grafias documentadas na obra estudada.

Os dados desta pesquisa sustentam, pois, a afirmação de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126) de que nem toda variação implica mudança, mas “toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. É insustentável a ideia de que as línguas estejam imunes à ação do tempo e, além disso, é ingênuo acreditar que as mudanças linguísticas sejam instantâneas: os dados desta pesquisa comprovam, afinal, que as mudanças que se verificam no português de hoje são decorrentes de variações do passado.

## REFERÊNCIAS

BISOL, L. O Alçamento da pretônica sem motivação aparente. In.: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.) *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2009. p. 73-92.

CARMO, M. C. do. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Ibilce/Unesp, São José do Rio Preto, 2009.

\_\_\_\_\_. *As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Ibilce/Unesp, São José do Rio Preto, 2013.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia*, Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-82, 2004.

COROMINAS, J; PASCUAL, J. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980-1991. (v. I-VI)

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

DIAS, A. F. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990-1993. (4 Volumes).

FREITAS, S. N. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

LEE, S. Variação linguística e vogais no PB. In: HORA, D. (Org.). *Vogais: no ponto mais Oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 29-43.

MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In.: CASTRO, I; DUARTE, I. (Org.). *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. p. 7-18. (v. II).

MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, E. de. *The phonology of portuguese*. Oxford: Oxford University, 2000.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, ano 4, v. 1. p. 31-41, 1992.

REIS, M. C. *O oral/falado e o letrado/escrito: um olhar sobre as vogais pretônicas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Ibilce/Unesp: São José do Rio Preto, 2011.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 12. ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Ibilce/Unesp, São José do Rio Preto, 2008.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994 [1980].

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Fale/UFMG, Belo Horizonte, 1987.

\_\_\_\_\_. O alçamento de vogais médias pretônicas e as consequências de diferentes recortes na amostragem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 38, n. 4, p. 307-18, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno; Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.